



ACIEPE Percursos Culturais e Urbanos na Cidade
Aluno: Lucas Scalon

Literatura e Cidade II

Na aula do dia 11 de setembro de 2013, demos continuidade ao tema que havia sido iniciado na semana anterior, “Literatura e Cidade”. O encontro foi iniciado com a projeção de dois episódios do documentário “O Rio de Machado de Assis”, com direção de Kika Lopes e Sonia Necessian, e produção de Norma Bengell.

No primeiro, “Capitu e Brás Cubas”, pudemos ver a cidade através da ótica da personagem do romance Dom Casmurro e também do personagem título da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas. A primeira possibilidade colocada sobre Capitu em relação à cidade do Rio de Janeiro e a sua melancolia pela vida que leva nela. Isto porque a cidade de então, ou pelo menos a forma que Capitu vivia, era provinciana, o que causava grande tédio em uma menina cheia de sonhos, mas que se via impossibilitada de realizá-los. No romance, ainda, a Europa parece sempre como uma grande referência, talvez como se não só o Rio de Janeiro fosse “pouco” para os personagens do romance, mas o próprio país. Tanto que, quando decide levar o filho e a esposa para longe, Bentinho deixa-os na Suíça, e não em qualquer outro lugar dentro do Brasil.

Uma parte importante do documentário, também, é sobre a relação de Machado de Assis com Capitu. Como dito, o autor era uma figura enigmática e pode assim ter projetado tal traço de sua personalidade à personagem. Mais profundamente, parece haver uma identificação social entre os dois: Machado de Assis, que era mulato e possivelmente sentiu o peso social – ainda mais à época – de sua cor, pode ter se identificado com a personagem feminina, figura que historicamente também foi reprimida na sociedade ocidental.

Destaca-se, também, no documentário, o momento em que Bentinho fala da possível mudança de Capitu através da mudança de lugar físico dentro do espaço da cidade. Segundo o próprio personagem, havia dentro da “Capitu de Matacavalos” já uma “Capitu da Glória”, que só apareceu quando os dois estavam vivendo no local.

Na outra parte, sobre Brás Cubas, tem-se uma versão mais metafísica da cidade – já que o romance é narrado pelo personagem que já está morto -, havendo uma interiorização dos lugares vistos e vividos através da narrativa. Coloca-se, por exemplo, como os relógios são significantes de tempo, este que é um conceito metafísico, ao contrário do objeto que é utilizado para contá-lo. E ainda, novamente, coloca as impressões próprias de Machado projetadas no

romance, que era uma figura sombria vivendo em uma época voltada “às luzes”.

No segundo episódio, “Conselheiro Aires”, é colocado que se deve ler Machado de Assis fora de qualquer estereótipo contemporâneo do Rio de Janeiro. E, mesmo para época, a cidade que o autor descreve é mais profunda, indo além do que se vê objetivamente para uma descrição subjetiva do autor. Assim, pode-se fazer uma conexão com a fala da Profa. Rejane na primeira parte da discussão deste assunto, quando foi colocado que a representação literária de algo vem sempre de uma experiência particular. Mesmo que Conselheiro Aires seja a organização de um diário do autor, em que descreve mais concretamente a cidade, ainda sim há uma descrição das ruas que vem de impressões pessoais.

Quando descreve os bondes e seus trajetos, o documentário reforça a latente representação dos meios de transporte como forma de significar a cidade. Seja na literatura ou no audiovisual, todos os veículos que se movimentam dentro do espaço urbano têm um caráter importante. Tal impressão pessoal foi reforçada com a fala de Carolina Hora, que apresentou um poema de Oswald de Andrade em que há certa disputa entre dois meios de transporte, um mais “arcaico” e outro moderno à época. Assim, fica simbolizado nos meios de transporte o antigo atravancando o progresso e ainda assim sendo obrigados a conviver juntos, conflito que se vivencia na cidade.